



A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GREGO ANTIGO: DA INSPIRAÇÃO DAS MUSAS À COSMOLOGIA

Fabricio Lemos da Costa

Especialista em Produção de Material
Didático e Formação de Mediadores de
Leitura na EJA
Universidade Federal do Amapá

Resumo

Este ensaio tem objetivo de refletir sobre a evolução do pensamento grego sob a perspectiva da filosofia e do *éthos*, costumes, da época Hesiódica e Homérica, sobretudo o momento mítico-poético até a organização de novas discussões, cujo centro está na democracia da cidade-estado ateniense, onde a política exerce sua mais nobre capacidade ao mover ações coletivas: base da educação grega.

Palavras- Chave: Cidade-estado, Pensamento Grego, Filosofia, Grécia Antiga.

Résumé

Cet essai a l'objectif de réfléchir sur l'évolution de la pensée grec sous le point de vue de la philosophie et de l'éthos, les coutumes, de l'époque de Hésiode et Homère, surtout le moment mythique-poétique, jusqu'à l'organisation de nouvelles discussions, dont le centre est dans la démocratie de la ville-état d'Athènes, où la politique exerce sa plus noble capacité de déplacer des actions collectives: la base de l'éducation grec.

Mots-Clés: Ville-état, la pensée grecque, philosophie, Grèce Antique.

Jaa Torrano¹, helenista e tradutor do poeta grego Hesíodo², apresenta-nos uma longa reflexão em relação à Memória e sua importância para a tradição grega ao introduzir a *Teogonia*³ Hesiódica, Destacando-se ao desenrolar de sua análise, pois Memória é a responsável pela manutenção do discurso coletivo, assim como, a grande detentora do visível ao invisível, ou seja, a razão do próprio existir ou inexistir da tradição.

Assim, Memória, quinta esposa de Zeus Soberano, decide entre a presença ou o ocultamento, entre o aparecer e o desaparecer, desvelando aquilo que está velado ou ordenando sua permanência na lembrança coletiva, instalando-se, sobretudo, nas “verdades” de Zeus, cantadas pelas musas⁴, inspiradoras do canto. De acordo com Torrano:

Com sua quinta união, Zeus confere ao seu poder o domínio da

¹ Usamos a tradução de Jaa Torrano, professor de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo. A tradução apresenta um longo estudo introdutório da *Teogonia* e O trabalho e os dias, de Hesíodo.

² Hesíodo, poeta grego, viveu por volta de 800 a.c. , na Beócia, região situada no centro da Grécia. Poeta da tradição oral.

³ Na *Teogonia*, Hesíodo, poeta grego mais antigo, desenvolve o princípio da origem do cosmo pela Cosmogonia, em que se explica o nascimento dos deuses e a organização do *Chaos*. O texto apresenta 1020 versos.

⁴ “Entre as Musas e a ‘palavra cantada’- especificada aqui como ‘palavra de louvor’ há uma solidariedade estreita, solidariedade que se afirma ainda mais nitidamente nos nomes explícitos das filhas de Memória, pois se desenvolve toda uma teologia da palavra cantada” (DETIENNE, 2013, p.12).

luminosidade desveladora, a indeclinável permanência no âmbito da aparição, e assim o reinado de Zeus torna-se a vigência da mais vigorosa verdade (a mais vigorosa negação do Esquecimento em que se dá o Não-Ser), torna-se o poder esplendor infatigavelmente. Como a mais vigorosa manifestação da Presença, o soberano cômico de Memória é a grande percepção que se deleita com a voz uníssona das Musas a dizerem os seus presentes, futuros e pretéritos. (TORRANO, 2003, p.70)

Memória é filha do Céu e da Terra, gerada como potência cósmica, pois está ligada ao existir dos seres, deixando-os à luz da presença, ou seja, o seu não esquecimento, *a-létheia*⁵, auxiliando-se das musas, suas filhas, ao inspirar poetas nas revelações das verdades.

Marcel Detienne, historiador belga, no livro *Mestres da verdade na Grécia Arcaica*, inicia o capítulo *A memória do poeta*, argumentando a importância da musa ao ser invocada pelo poeta a fim de conhecer os fatos passados, assim, “qual o significado da musa, qual é a função da Memória? Foi frequentemente ressaltada no panteão grego a presença de divindades que têm o nome de sentimentos, paixões, atitudes mentais, qualidades intelectuais”. (DETIENNE, 2013, p. 10)

⁵ “o discurso do poeta, da forma como se desenvolve na atividade poética, é inseparável de duas noções complementares: a musa e a memória. Essas duas potências religiosas desenham a configuração geral que dá significação real e profunda à *alétheia* poética” (DETIENNE, 2013, p.10).

A verdade é a máxima da existência do próprio Zeus, onde este é dotado de poderes ligados ao seu ser, os quais o farão o grande soberano entre os deuses, principalmente, em sua alertada previdência, essência do seu Ser, na medida em que tudo conhece, seduz e define, já que este é a própria astúcia, surpreendendo e engolindo inclusive a deusa da astúcia, *Mêtis*⁶, como é possível verificar nos versos 886 a 900 da *Teogonia*:

Zeus rei dos Deuses primeiro
desposou Astúcia
mais sábia que os Deuses e os
homens mortais.
Mas quando ia parir a Deusa de
olhos glaucos Atena,
*ele enganou suas entranhas com
ardil,*⁷
com palavras sedutoras, e
engoliu-a ventre abaixo,
por conselhos da Terra e do Céu
constelado.
Estes Iho indicaram para que a
honra de rei
não tivesse em vez de Zeus outro
dos Deuses perenes:
era destino que ela gerasse filhos
prudentes,
primeiro a virgem de olhos
glaucos Tritogênia
igual ao pai no furor e na prudente
vontade,
e depois um filho rei dos Deuses e
homens

⁶ “A primeira esposa de Zeus tem o nome de *Mêtis*, que significa essa forma de inteligência que, como vimos, permitiu a ele conquistar o poder: *mêtis*, a astúcia, a capacidade de prever todos os acontecimentos, de não ser surpreendido nem desorientado por coisa alguma, de nunca abrir o flanco para um ataque inesperado”. (VERNANT, 2016, p.39).

⁷ Grifo meu. (*Teogonia*, verso 889)

ela devia parir dotado de soberbo
 coração.
 Mas Zeus engoliu-a antes ventre
 abaixo
 para que a deusa lhe indicasse o
 bem e o mal.

A Memória, *Mnemosýne*, é a divinização da capacidade dos gregos em rememorar sua tradição, suas verdades postas em textos mais antigos da época Arcaica grega, como Homero⁸ e Hesíodo, portanto, a *Mnemosýne* é uma conquista do homem grego na medida em que sua força reside na origem da verdade contada oralmente, como verificamos no trecho da *Teogonia*, de Hesíodo.

Entretanto, tal capacidade dada por Memória aos gregos Antigos, dá-se por meio dos poetas, sendo assim, privilégio de escolhidos, portanto, um caráter divino, a partir do qual o poeta entra em contato com outro mundo, uma esfera divina onde habita a pura verdade, a Memória “é também e, sobretudo o poder religioso que confere ao verbo poético o estatuto de discurso mágico-religioso”. (DETIENNE, 2013, p.16).

A Memória é a chave para a lembrança revelada, na perspectiva divina, mas também é responsável pela articulação técnica do discurso ao desenvolver o texto poético, pois na época arcaica os gregos não dispunham da escrita, ficando a cargo

⁸ Não existem evidências concretas em relação à existência do poeta Homero, especula-se que tenha vivido por volta do século VIII ou IX a.C.

da memória o repasse da tradição de geração a geração. O texto deveria proporcionar, portanto, uma fórmula, procedimento de composição, “os poemas homéricos, aliás, são exemplos desses exercícios ‘*mnemotécnicos*’, que deviam garantir aos jovens *aedos* o domínio da difícil técnica poética”. (DETIENNE, 2013, p.15).

Jean- Pierre Vernant, historiador francês e colaborador da *École des Annales*⁹, em seu estudo *Mito e pensamento entre os Gregos*, dedicou uma breve reflexão em torno de Memória, deusa titã e irmã de Crono, analisando-a na perspectiva da possessão poética, inspirando poetas ao desenvolver poeticamente o passado, desvelando ao homem Grego aquilo que deveria ser lembrado, ou seja, o mito. Segundo Vernant:

A poesia constitui uma das formas típicas da possessão e do delírio divinos, o estado do ‘entusiasmo’ no sentido etimológico. Possuído

⁹ “Da produção intelectual, no campo da historiografia, no século XX, uma importante parcela do que existe de mais inovador, notável e significativo, origina-se da França. *La nouvelle histoire*, como é frequentemente chamada, é pelo menos tão conhecida como francesa e tão controvertida quanto *La nouvelle cuisine* (Le Goff, 1978). Uma boa parte dessa nova história é o produto de um pequeno grupo seja associado à revista *Annales*, criada em 1929. Embora esse grupo seja chamado geralmente de a “Escola dos Annales”, por se enfatizar o que possuem em comum, seus membros, muitas vezes, negam sua existência ao realçarem as diferentes contribuições individuais no interior do grupo”. (BURKE, 1990, p.11).

pelas Musas, o poeta é o interprete de *Mnemosýne*, como o profeta, inspirado pelo deus, o é de Apolo. (VERNANT, 2008, p. 137)

Assim, a deusa Memória inspira o poeta a fim de cantar o passado, transmitindo-lhe uma espécie de poder divinatório ou *Sophía*¹⁰ em relação à tradição, dessa forma, o poeta é como o sacerdote, pois é responsável em receber o conhecimento da origem e transmitir aos não eleitos pela deusa, No entanto, como desenvolve Vernant “presença direta no passado, revelação imediata, dom divino, todos esses traços, que definem a inspiração pelas Musas, de modo algum excluem ao poeta a necessidade de uma dura preparação”. (VERNANT, 2008, p.139)

A verdade dá-se a partir da revelação ao poeta, este cantará os tempos idos, orientando-se pelo passado ao organizar o mundo divino e humano, ou seja, far-se-á em estilo cosmogônico, onde a verdade é a existência de uma ordenação do cosmo, não podendo ser justificado ou levado à dúvida, porque sua configuração é da ordem divina, a qual é auxiliada pela deusa *Mnemosýne*

Dessa forma, a ordenação do mundo a partir do Caos é entendida na

esfera sobrenatural ou misteriosa, onde a natureza, incluindo a humana, é comandada por uma força divina, assim, os homens são sempre influenciados pela essência do ser de um deus. O mito é a adesão ou aceitação, porque não se procura fatos duvidosos em relação aos acontecimentos estruturais do mito, “por ser parte de uma tradição cultural, o mito configura a própria visão de mundo dos indivíduos, a sua maneira mesmo de vivenciar esta realidade”. (MARCONDES, 2015, p.20)

As Musas, filhas de Memória, entregam a verdade a Homero ou a Hesíodo, poetas mais antigos, estes influenciados pelo canto das Musas, falam a verdade, sendo instrumentos divinos, como o Sacerdote que discursa o futuro, no entanto, *Mnemosýne*, não auxilia como lembrança individual, assim, sua sabedoria é coletiva e formadora da cultura. Memória é a chave divina do não esquecimento, da ligação do indivíduo à coletividade.

Dessa forma, a *Teogonia* é um ensinamento das Musas ao pastor Hesíodo, o qual foi escolhido para cantar o Canto das filhas de Memória, ao pastorear suas terras, é surpreendido com os seres que o presenteia com ramos de loureiro, símbolo da inspiração do canto, como verificamos entre os versos 22 a 34.

¹⁰ *Sophía* formará a palavra Filosofia, cujo termo apresenta significado ligado à sabedoria, juntar-se-á a *philo*, derivado de *philia*, que significa amizade, amor fraterno.

*Elas um dia a Hesíodo ensinaram
belo canto*¹¹

quando pastoreava ovelhas ao pé
do Hélicon divino.

Esta palavra primeiro disseram-
me as Deusas

Musas olímpíades, virgens de
Zeus porta-égide:

“Pastores agrestes, vis infâmias e
ventres só,

sabemos muitas mentiras dizer
símeis aos fatos

e sabemos, se queremos, dar a
ouvir revelações”.

Assim falaram as virgens do
grande Zeus verídicas,

por certo deram-me um ramo, a
um loureiro viçoso

colhendo-o admirável, e inspiram-
me um canto

divino para que eu glorie o futuro
e o passado,

impeliram-me a linear o ser dos
venturosos sempre vivos

e a elas primeiro e por último
sempre cantar.

É importante destacarmos que as
“mentiras” reveladas pelas Musas são as
Verdades transferidas aos poetas, “isto
porque a experiência que originariamente
os gregos tiveram da verdade é
radicalmente distinta e diversa da noção
comum hodierna que esta nossa palavra
verdade veicula”. (TORRANO, 2003,
p.25)

As Musas têm interesse em
desvelar ou revelar aquilo que está no
anonimato, assim, a partir da retirada do
oculto é que os Gregos tiveram acesso à
verdade, porque divina é sua origem,
revelando-os os acontecimentos
cosmogônicos do princípio, nascimento e o

ser de cada deus, já que estes agem dentro
do seu campo de influência.

Em Homero, poeta da *Ilíada*¹² e
*Odisseia*¹³, verificamos a revelação divina
no mesmo plano da *Teogonia*, inspirado
pelas Musas, é levado aos acontecimentos
das verdades antigas e responsável em
transmitir aos não eleitos diretos de
Mnemosýne, as origens, os grandes feitos
da Guerra em período longínquo, como
verificamos nos versos 01 a 06 da *Ilíada*.

*canta-me ó deusa, do peleio
Aquiles*¹⁴

A ira tenaz, que lutuosa aos
Gregos,

Verdes no Orco lançou mil fortes
almas,

corpos de heróis a cães e abrutes
pasto:

Lei foi de Jove, em rixa ao
discordarem

o de homens chefe e o Mírmidon
divino.

Portanto, as deusas tudo sabem, e
ao revelar sua *sophía* em relação ao herói
Aquiles, formam a cultura, a crença e a
verdade que une o povo Grego, sobretudo,
ao imaginar-se descendente de heróis e
grandes personagens configuradores da
história da Grécia, porque pertencem à
origem comum, conhecida com a

¹² Texto com mais de 15000 versos, o qual relata a
fúria do herói Aquiles, filho de uma deusa e um
mortal, assim como, as consequências da guerra de
Troia, como a morte de Heitor, filho do rei de
Troia.

¹³ Em *odisseia*, Homero desenvolve o retorno do
herói Odisseu a sua terra natal, Ítaca, onde habita
seu filho Telêmaco e sua esposa Penélope, depois
de vinte anos de guerra. Contém 12000 versos
divididos em 24 cantos.

¹⁴ Grifo meu. (*Ilíada*, verso 01).

¹¹ Grifo meu. (*Teogonia*, verso 22).

orientação divina das Musas, a essência do canto.

Nos mitos gregos habitam os valores, as crenças de um povo que se organiza por meio de sua origem comum, em que seus hábitos e ações são comandadas pelo divino que se encontra na natureza. O homem grego dá-se na dimensão dos acontecimentos manipulados por cada deus, justificando-se ações por meio da ira, amor, traição e conflitos entre famílias na guerra, por exemplo.

Então, o mito explica a realidade, cuja relação entre os gregos antigos é sempre uma luta de forças entre deuses, os quais optam pelo lado de seu interesse, explicação da longa guerra de Troia, constituindo-se o imaginário pelo discurso de uma verdade revelada na constituição da tradição, Segundo Marcondes:

O mito caracteriza-se sobretudo pelo modo como estas explicações são dadas, ou seja, pelo tipo de discurso que constitui. O próprio grego *mytos* (*μῦθος*) significa um tipo bastante especial de discurso, o discurso ficcional ou imaginário, sendo por vezes até mesmo sinônimo de “mentira”. (MARCONDES, 2015, p.20)

Diz-se que Hesíodo e Homero foram inspirados pelas Musas, donas do Canto, percebendo-se a partir de uma não individualidade do discurso, pois há sempre uma correspondência com a totalidade, ou seja, o discurso formador é uma verdade, porque não se pretende

colocar-se no plano da “fantasia individual”, dessa forma, as imagens são sempre coletivamente construídas, presente, inclusive, na dúvida em relação à existência de Homero, por exemplo, cuja vida é incerta. Segundo Vernant:

Os gregos, de geração em geração, tomaram essas mensagens a sério. Sob pena de não compreender nada, devemos lê-lo com o mesmo espírito, considerando que toda indicação, mesmo no pormenor, tem o seu valor se está inscrita no texto. (VERNANT, 2008, p.75)

Há verdades fundamentais ao homem grego, explicadas na origem do cosmo, por exemplo, é impossível enganar Zeus, pai dos deuses, pois este é astucioso e tudo sabe e descobre, sua sabedoria já estava presente antes mesmo do nascimento, assim, seu comando sempre esteve dado, e apenas se completou após seu parto. As verdades de Zeus são as certezas míticas, devendo-se compreendê-la no plano não empírico, aspecto moderno de verdade, pois sua compreensão habita a não necessidade da dúvida.

É importante ressaltar que a educação do homem grego estava intimamente relacionada com as construções mítico-poéticas, poetas como Homero e Hesíodo é a fonte educativa por excelência da criança ao velho, portanto, nestes poetas estavam reunidas as grandes revelações, ou seja, as verdades que

deveriam estar sempre à luz da formação na sociedade grega, presas nos mitos de origem e nascimento de deuses, um mundo habitado por deuses, seja na natureza ou em ações do homem comum.

Por outro lado, não é fácil percorrer as linhas que separam o pensamento de tipo racional e mítico, podendo-se perceber a partir de vários elementos e traços que evidenciam aspectos do pensar racional no interior na epopeia homérica, por exemplo. É necessária uma análise cuidadosa a fim de compreender os limites entre um e outro, assumindo-se a postura que considera a influência profundamente antiga na construção do mundo mítico das epopeias, de acordo com Jaeger:

Não é fácil traçar a fronteira temporal do momento em que surge o pensamento racional. Passaria, provavelmente, pela epopeia homérica. No entanto, nela é tão estreita a interpretação do elemento racional e do “pensamento mítico”, que mal se pode separá-los. Uma análise da epopeia a partir deste ponto de vista, nos mostraria quão cedo o pensamento racional se infiltra no mito e começa a influenciá-lo. (JAEGER, 2003, p.191)

Na *Odisseia*, epopeia homérica, temos a personagem que é obrigado a ir à guerra de Troáde, no entanto, o poema trata do retorno de Odisseu ao seu reino, Ítaca, onde habita sua esposa Penélope e

seu filho Telêmaco. Odisseu realiza uma verdadeira viagem de retorno, em que estão presentes vários aspectos heroicos ao longo do poema, entretanto, destacaremos um elemento indispensável a Odisseu, a astúcia, característica que define a personalidade do herói e que o coloca na discussão da dificuldade entre os limites do mito e da racionalidade, como podemos verificar no início do texto:

Canta para mim, ó musa, o varão industrioso que, depois de haver saqueado a cidade sagrada de Troáde, vagueou errante por inúmeras regiões, visitou cidades e conheceu o espírito de tantos homens; o varão que sobre o mar sofreu em seu íntimo tormentos sem conta, lutando por satisfazer seu desejo de salvá-los: pereceram, em consequência de sua cegueira, os insensatos que devoraram os bois de Hélio Hipéron. o qual os privou do dia regresso. Deusa, filha de Zeus, conta-nos, a nós também, algumas destas façanhas, começando onde quiseres. (HOMERO, 2002, p.15-16)

É possível perceber no início da epopeia a mesma perspectiva mítica, comparada à *Teogonia* e à *Ilíada*, mencionadas anteriormente, sobretudo, na necessidade de conexão entre os fatos e a revelação pelas Musas, aquelas que são responsáveis em trazer à luz da presença a tradição, pois tudo guardam e revelam. Entretanto, o trecho inicial poderia ser excelente exemplo de mistura entre o pensamento mítico e racional, na medida

em que se destaca o fundamento do herói astucioso, Odisseu.

Flávio Ribeiro de Oliveira, no prefácio da tragédia *Aias*, de Sófocles, argumenta que Odisseu é movido pela essência do ser da deusa Atena, a deusa dos olhos glaucos, a qual o guia através de sua *Mêtis*, astúcia, ao agir sempre com prudência, dessa forma, o homem é sensato porque é “protegido” por Atenas, comprovando-se a dificuldade da distinção entre o mito e o pensamento racional, Assim:

Odisseu representa todas as virtudes contidas na esfera de influência de Atena. Em outras palavras: as virtudes de Odisseu correspondem à essência de Atena. A deusa preza não o golpe brutal, mas a reflexão e dignidade. Ela se manifesta sempre que uma visão lúcida, plena de reflexão e cálculo planeja algum empreendimento. Em sua essência está a *mêtis*, virtude que caracteriza seu protegido- essa habilidade em compreender um estado de coisas com um olhar penetrante e encontrar uma via eficaz para a ação. (OLIVEIRA, 2006 p.11)

O personagem Odisseu é astucioso, porque é dotado de prudência, vivenciando “inúmeros tormentos” e ao mesmo tempo “conheceu o espírito dos homens”, ou seja, pela prudência usou da boa *peithó*¹⁵, persuasão, ao convencer e se livrar de

forças divinas, como a passagem que demonstra os sucessos da personagem ao narrar os fatos que acontecem em sua terra a Éolo, senhor dos ventos e desconhecedor das coisas que se passam na terra. Este presenteia Odisseu com a segurança de ir com o auxílio de um odre, recipiente de todos os ventos. De acordo com Raquel Gazolla:

O campo da palavra oral e persuasiva- existente desde Homero, porém sem as vestimentas complementares que terá nas póleis- foi a grande arma para o funcionamento da chamada isonomia grega, o que é sabido. Em vez da armada arcaica de guerreiros, o discurso passa a modelar a forma de viver do grande número de cidadãos, suas instituições e famílias. (GAZOLLA, 2011, p.13)

Assim, apesar da possibilidade de encontrar a presença do racional nos mitos, de acordo com a tradição dos estudos helenistas, o pensamento racional tem data e lugar de origem, cujo nascimento encontrar-se-á nas colônias jônicas, século VI e V a.c, com os chamados Pré-Socráticos, que inauguram uma forma particular do pensamento, ou seja, pela investigação da *phýsis*, conceito fundamental no conjunto da filosofia pré-socrática, cujo centro está na natureza, pois estes questionam a origem a partir do real, do visível, daquilo que se encontra aos olhos de todo e qualquer homem. Segundo Gerd A. Bormheim, em seu estudo

¹⁵ A *peithó*, persuasão pelo argumento, será um traço fundamental na Grécia Antiga, sobretudo na democracia Ateniense, desenvolvendo-se à medida que a polis articula sua instituição política.

introdutório aos Pré-Socráticos, argumenta que “compreende-se que aos poucos uma atitude filosófica diante do real se tornasse viável, que o homem passasse a afirmar-se como um ser que por suas próprias forças questiona o real”. (BORMHEIM, 2000, p. 10)

Assim, a origem em Homero e em Hesíodo estava relacionada a uma verdade inquestionável, não se colocando na perspectiva da dúvida, por outro lado, com os pré-socráticos “as verdades” serão postas em questionamento, refletindo-se nas diversas maneiras de justificar o princípio, arché, do cosmo. Dessa forma, os primeiros filósofos questionarão a origem, buscando-a na totalidade de tudo que há, do homem aos deuses. De acordo com Bormheim:

Estas parecem ser as notas fundamentais da *phýsis*, possibilitadoras da “física” pré-socrática. Pensando a *phýsis*, o filósofo pré-socrático pensa o ser, e a partir da *phýsis* pode então aceder a uma compreensão da totalidade do real: do cosmo, dos deuses e das coisas particulares, do homem e da verdade, do movimento e da mudança, do animado e do inanimado, do comportamento humano e da sabedoria, da política e da justiça (BORNHEIM, 2000, p.14)

Os primeiros filósofos gregos farão da natureza a sua base de questionamento, pensando-a na perspectiva do cosmo, dessa forma, o primeiro pensador da *phýsis* deteve-se no elemento líquido, a água,

como a origem do cosmo, chamava-se Tales, nascera na cidade de Mileto, berço do pensamento racional. Este filósofo, de acordo com a tradição, é o primeiro a pensar a arché fora da esfera cosmogônica dos primeiros poetas gregos.

A natureza para os Pré-Socráticos é uma fonte de verificação do pensamento, inserindo-a na fonte da origem do cosmo, ou seja, os primeiros pensadores gregos buscavam a razão do ser em si mesmo, portanto, distantes de uma crença inquestionável do nascimento dos seres. Os pré-socráticos apresentavam uma atitude espiritual semelhante, uma espécie de aprofundamento ao conhecimento, onde escolheram vários aspectos da *phýsis* como pressuposto da origem.

As verdades para os primeiros filósofos estavam nas mais diversas “teorias” fundamentais das explicações do princípio, arché, do cosmos, no qual não podemos associá-la aos aspectos inerentes aos princípios da Física moderna, de base empírica¹⁶, porque “o ponto de partida dos pensadores naturalistas do século VI era o problema da origem, a *phýsis*, que deu seu nome ao movimento espiritual e à forma de especulação que originou. (JAEGER, 2003, p. 196).

¹⁶ A ciência moderna tem como teoria o Empirismo, experimentação, portanto, diferindo-se dos antigos pensadores pré-socráticos que não faziam uso de experimentos com o objetivo de comprovar suas *theorias*.

Assim, a perspectiva de uma verdade na natureza equivale à totalidade de tudo que há, homens, animais, vegetais e deuses, o qual explica a dificuldade de traduzir o termo *phýsis* por natureza, pois a moderna concepção do termo a coloca em um plano menor do que seja a totalidade da filosofia pré-socrática. De acordo com Bornheim:

Aristóteles, em sua *Metafísica*, chamou os filósofos pré-socráticos de *physikoi*, físicos. A expressão não é incorreta, mas presta-se facilmente a equívocos. A “física” pré-socrática nada tem a ver com a física na acepção moderna da palavra, assim como a *phýsis* não pode ser traduzida sem mais pela palavra natureza. (BORNHEIM, 2000, p. 11)

O conjunto dos postulados dos filósofos Pré-Socráticos dá-se no ente em sua totalidade, não se devendo entendê-lo como uma disciplina sistemática do século VI, ou seja, subordinada à Lógica, à Ética, Metafísica ou Física, mas ao conjunto de perspectivas orientadoras da natureza em sua compreensão geral, portanto, não particular do ponto de vista dos saberes específicos.

No entanto, a manifestação do pensamento racional na Grécia Antiga é gradual, convivendo ainda com antigas concepções de origens do mundo no interior do discurso mítico, mas seu aparecimento a partir de várias personalidades, começando na colônia de

Mileto, já demonstra uma importância para o pensar filosófico, pois “o simples fato de ter sido um movimento espiritual unitário, conduzido por uma série de personalidades independentes, mas em íntima e recíproca ligação, já demonstra o seu caráter espiritual unitário” (JAEGER, 2003, p. 197)

A passagem do mítico ao racional dar-se-á na discussão da natureza, porque esta se tornará um problema aos pensadores do século VI, em que não mais explicada pelo viés sobrenatural, mas pela sua existência em si mesma. O helenista Jean- Pierre Vernant, em seu livro *Mito e Pensamento entre os Gregos*, diz que achar a origem na tradição Grega, época de Homero e Hesíodo, era perceber a importância do pai e da mãe, princípio cosmogônico, ao passo que entre os pensadores inaugurais do pensar racional, a origem encontrar-se-á na *phýsis*.

Dessa forma, temos um princípio indispensável de diferenciação entre as duas maneiras de explicar a origem na Grécia mítica de Homero e Hesíodo e na época Pré-Socrática, a cosmogonia e a cosmologia, o inquestionável das construções mitológicas, cujo centro é uma verdade revelada a um eleito e por outro lado o questionamento diante da *phýsis* e suas várias maneiras de explicar o princípio, como a água, o ar, o fogo ou o *apeiron*, o ilimitado.

A linguagem da “teoria” Pré-Socrática não se dá pela união sexual, tampouco pelo viés de uma hierarquia divina, mas no princípio dinâmico da natureza, em sua essência real, sem parentesco cosmogônico, onde os deuses começam a desaparecer pouco a pouco no decorrer do desenvolvimento racional, “na mesma ocasião, coloca-se o problema da origem do movimento; o divino concentra-se fora da natureza, em oposição à natureza, impelindo-a e regulando-a”. (VERNANT, 2008, p. 451).

O divino não desapareceu como crença entre os gregos, no entanto, o pensamento começou a modificar-se em seu panorama geral, pois a filosofia inicia uma busca pelo princípio e esta vontade de conhecer transformar-se-á no amor à sabedoria, filosofia. O pensamento racional entre os primeiros filósofos explica-se a partir de discussão de fatos colocados pelos chamados Pré-Socráticos.

A discussão não se coloca, no entanto, na medida do inquestionável, como vimos com as verdades reveladas, mas naquilo que poderia ser posto em discussão, talvez explique as inúmeras “teorias” que surgiram de Mileto a Éfeso, princípios “teóricos” muitas vezes carregados de teor mítico, como o ilimitado, *apeiron*, de Anaximandro.

Jean- Pierre Vernant, em *As origens do pensamento grego*, desenvolve

em sua tese uma discussão relevante às origens do pensamento racional na Grécia Antiga, utilizando-se de dois helenistas que se contrapõe em relação ao nascimento da filosofia nas colônias gregas da antiga Jônia, século VI a.C. Trata-se de John Burnet com sua tese de o “milagre grego” e F.M Cornford com o argumento de influência oriental no interior do pensamento Grego.

No século VI a.C. pensadores como Tales, Anaximandro e Anaxímenes inauguram uma nova forma de pensar as origens do cosmo, como foi dito anteriormente, por meio do olhar atento à natureza, pois nesta está as possíveis respostas da gênese dos entes, realizando investigação, história, com o fim de apresentar uma *theoria*, no entanto, os estudos helenistas não partilham da mesma opinião quanto ao aparecimento das *theorias* Pré-Socráticas.

John Burnet, helenista britânico, considera as origens do pensamento racional grego como um “milagre”, uma revolução intelectual tão profunda que é quase impossível marcar a sua exatidão na história grega, “o logos ter-se-ia desprendido bruscamente do mito, como as escamas caem dos olhos do cego. E a luz desta razão, uma vez por todas revelada.” (VERNANT, 2002, p.111)

Assim, ainda de acordo John Burnet, a filosofia dos primeiros

pensadores gregos da antiga jônia não se poderia pensar na perspectiva de antigos mitos, pois é impossível detectar qualquer particularidade racional em velhas formas de explicação do cosmo pela cosmogonia. De acordo com o helenista, “seria inteiramente falso procurar as origens da ciência jônica numa concepção mítica qualquer”. (BURNET apud VERNANT, 2002, p. 111).

Por outro lado, F.M Cornford, pesquisador britânico, revela-nos que as primeiras *theorias* aproximam-se de uma construção fortemente mítica, retomando-se antigos princípios da cosmogonia, em uma linguagem profundamente abstrata, longe, portanto, de qualquer pretensão científica. Assim “a física jônica nada tem em comum, nem em sua inspiração nem em seus métodos, com o que chamamos ciência; em particular ignora tudo sobre a experimentação” (VERNANT, 2002, p.111)

Os milésios, pensadores de Mileto, retomam, de acordo com Cornford, as antigas premissas cosmogônicas, pois a mesma questão está presente na diversidade das explicações da origem do cosmo, em que o nascimento de deuses não aparece, mas por detrás das *theorias* estão nítidas as preocupações do antigo homem grego, daquele homem eleito pelas musas com o fim de desvelar a revelação, pois “a *physis*, quando opera, está toda impregnada

desta sabedoria e desta justiça que eram o apanágio de Zeus”. (VERNANT, 2002, p.112).

Heráclito, pré-socrático de Éfeso, cidade da Jônia, por exemplo, ao desenvolver sua história, incluiu em sua *theoria* a imagem de deus, o maior em beleza e inteligência, colocando-o maior que o homem no que tange a *sophia* divina, realizando-se por meio da analogia do símio, como podemos analisar através de Platão, em *Hípias Maior*, fragmento 289 a e 289 b, respectivamente : “o mais belo símio é feio, a se confrontar com o gênero humano” e “o mais sábio dos homens em face de deus se manifestará como um símio, em sabedoria, beleza e tudo mais”

A cosmogonia manifestava-se através de uma hierarquia divina, sua “lógica” estava no destronamento do pai pelo filho, como lemos na *Teogonia*, de Hesíodo, em que Cronos destrona O Céu e, em seguida, Zeus a Cronos, pois o apanágio de Zeus dá-se por sua astúcia. Em Heráclito, é possível perceber a hierarquia entre deus e homem, também manifesta em Hesíodo, o qual comprova os argumentos de Cornford.

Entretanto, o mesmo Heráclito que manifesta a superioridade de deus em relação ao homem, manifestará a valorização do espírito humano diante da contemplação da natureza, pois a partir deste é possível o acontecimento do

cosmo, já que somente a criatura humana é consciente da transformação e da eterna mudança do ser, o qual está sempre em movimento, como se lê em sua analogia do rio. Segundo Jaeger:

Em Heráclito o coração humano constitui o centro emocional e apaixonado para onde convergem os raios de todas as forças da natureza. O curso do mundo não é para ele um espetáculo distante e sublime, em cuja contemplação o espírito se afunda e se esquece até submergir na totalidade do ser. (JAEGER, 2003, p. 223)

Em Heráclito, portanto, temos um aspecto profundamente interessante da filosofia, em que a antiga máxima do templo de Delfos “Conhece-te a ti mesmo” está presente neste pensador de Éfeso, que a colocou ao plano da consciência humana, essência filosófica, alcançada na *historia* de si mesmo, em “investiguei-me a mim próprio”. (HERÁCLITO apud JAEGER, 2003, p. 224).

Raquel Gazolla, em seu livro *Pensar Mítico e Filosófico estudos sobre a Grécia Antiga*, argumenta a dificuldade da discussão em relação às origens do pensamento racional na Grécia Antiga, sobretudo, no aspecto de separação entre o mítico e o racional, entretanto, outra direção é necessária em uma análise, a capacidade humana, sua consciência que, inevitavelmente, desenvolveu-se em um caminho outro, ou seja, a capacidade de

discutir o que era indiscutível em época hesíodica, Assim:

O pensamento mítico e o filosófico não se separam na Grécia antiga do modo como hoje queremos crer, e a discussão sobre o tema é longa e controversa. Muitas interpretações atuais já apontam para tal fato e quebram parte da hegemonia das leituras que dividem, acentuadamente, a palavra mítica da palavra exposta em argumentos. Assim, é possível e interessante uma investigação levar em conta o pensar sobre o agir humano. (GAZOLLA, 2011, p.135)

Em Hesíodo e Homero, a verdade Antiga estava na revelação, sendo necessário tornar-se eleito pela deusa Memória e inspirado pelas Musas, portanto, inexistia qualquer marca individual em época Arcaica, porque o poeta era empregado ao desenvolver as verdades. A revolução mais completa do pensamento grego reside, portanto, no aparecimento da consciência, que ao utilizar do *lógos*¹⁷, discurso, marca sua experiência individual. Segundo Jaeger, “é esta uma nova forma de filosofar, uma nova consciência filosófica. Só pode ser expressa por meio de palavras e imagens

¹⁷ “Um dos termos mais complexos da língua grega. Em geral significa discurso, mas assume também os significados de cálculo, lei, relação, proporção, medida, razão de ser, causa, explicação, frase, enunciado, palavra, definição, livro, raciocínio, argumento, razão, pensamento. Portanto, seu significado deve ser sempre contextualizado no texto do autor que o emprega, nas obras em que aparece, tendo presente também as finalidades expositivas.” (CASERTANO, 2017, p.134)

tiradas da experiência interior. O próprio *lógos* só pode ser determinado por imagens”. (JAEGER, 2003, p.225).

A organização do cosmo não se mostra mais como uma hierarquia de poderes absolutos, de uma plena autoridade pelo nascimento e destronamento entre pais e filhos, em uma força divina que foge à razão humana no que tange à capacidade questionadora do *lógos*. A nova capacidade dá-se pela organização das imagens construídas pelo homem, sem vínculos de submissão divina.

Os deuses não desapareceram por completo, mas sua *monarchia* fora abalada quando os primeiros milésios fizeram *historía* a partir do real, suas imagens eram dadas por um ou mais princípios, *arché*, o qual poderia ser questionado, pois seu *lógos* é discursivo e não se fixa em hierarquia, como verificamos na construção do cosmo em Hesíodo, do *Chaos* a Zeus.

A nova ordem não se revela, é toda discursiva, porque não se trata de segredo divino, mas de uma força do próprio poder de organizar o pensamento por meio do real, onde sua importância reside no julgamento, ou seja, na aceitação ou negação da *theoria* à cidade grega, diferente da época posterior, pois “a proteção que a divindade reservava outrora a seus favoritos vai doravante exercer-se

em benefício da comunidade toda”. (VERNANT, 2002, p. 56).

Considerações Finais

A Evolução do Pensamento Grego dá-se de forma gradual, da liberação do mito ao pensamento racional, considerando os elementos racionais no interior do mito e do primeiro ao desenvolver do segundo, como a *Peithó* em Homero, com a personagem Odisseu, e a força divina em Heráclito.

A discussão é uma complexidade nos estudos ao longo do pensamento grego, em que alguns autores, como Burnet considerará como o “milagre grego” e outros como Cornford, uma espécie de “influência oriental” no desenvolvimento do pensamento. Assim, os estudiosos tentam resolver a enorme confluência existente entre as possibilidades de explicar a origem da figura da filosofia, do filósofo e seu objeto do pensar.

Referência Bibliográfica

BORNHHEIM, Gerd A. Introdução. In: **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

CASERTANO, Giovanni. **Sofista**. Tradução de José Bertolini. São Paulo: Paulus, 2010.

DETIENNE, Marcel. **Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GAZOLLA, Rachel. **Pensar Mítico e Filosófico estudos sobre a Grécia Antiga**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

HESÍODO. **Teogonia** A Origem dos Deuses. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2003.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Odorico Mendes. Rio de Janeiro: W.M Jackson, 1964.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: **Os Pré-Socráticos**. Tradução de José Cavalcanti de Souza et al. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

JAEGER, Werner. **Paidéia** A Formação do Homem Grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SÓFOCLES. **Aias**. Tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Iluminuras, 2008.

VERNANT, Jean- Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. Tradução de Haiganuch Sarian. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **As Origens do Pensamento Grego**. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.